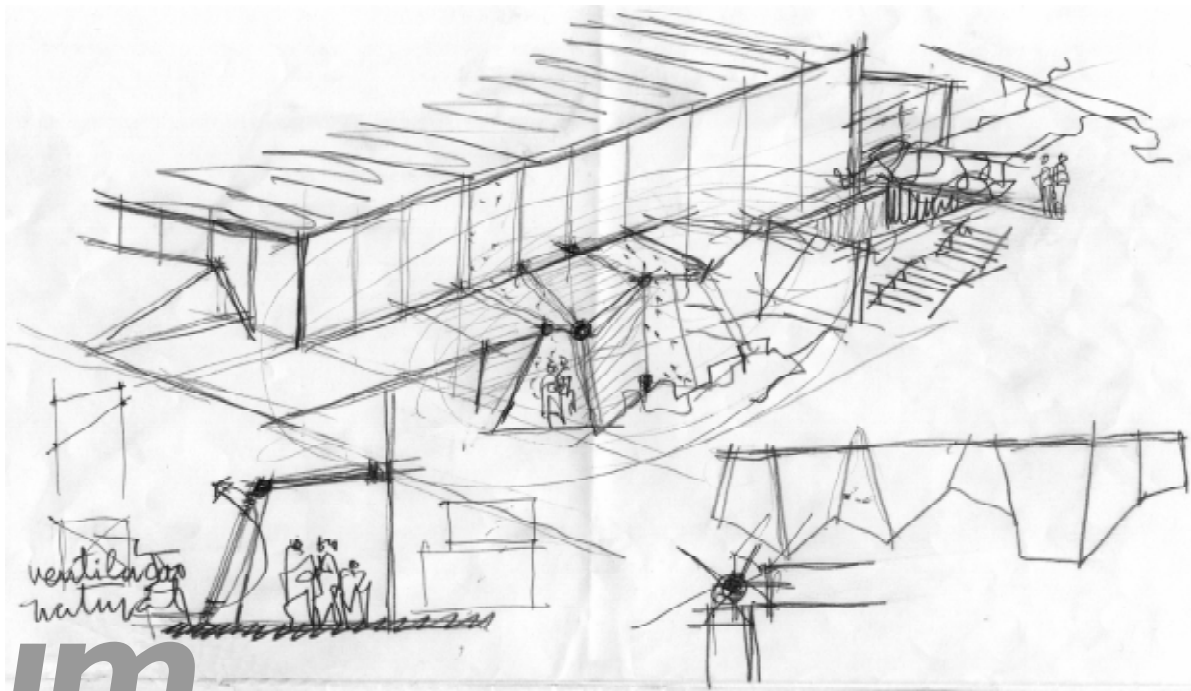


*Claudio Araujo atinge a maturidade profissional nos meados de 60, quando o brutalismo com base em São Paulo já substituíra como posição de vanguarda o estilo de arquitetura moderna associado a Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e ao Rio de Janeiro. Araujo é dos poucos arquitetos brasileiros de sua geração que questiona implicitamente a validade do conceito de posição de vanguarda e sua obsessão com uma arquitetura de proposta. Através de obras firmadas individualmente ou em colaboração, reafirma a importância de uma arquitetura que responda com ofício sólido a programas e orçamentos ordinários. Contrapõe o racionalismo substantivo de uma “nova objetividade” à primazia da ambição representativa. A mescla de uma disciplina compositiva fundada na estrutura modulada e uma atitude empírica e pragmática face aos problemas da construção o aparentam em espírito a arquitetos californianos como Neutra e Craig Ellwood. No entanto, não mostra interesse pela “planta livre” que Corbusier e Mies desenvolveram, tendo como premissa a laje plana. A admissão das pressões espaciais aportadas pelo vigamento aparente o aproxima em parte de Kahn e Van Eyck. Anti-heróico por temperamento e circunstância, não dispensa o refinamento constante da proporção e do detalhe, nem se furta ao grande vão quando legitimado pela natureza do encargo, como o comprovam suas realizações mais logradas, uma no campo da domesticidade —o edifício FAM, a outra um grande mercado —a CEASA.*

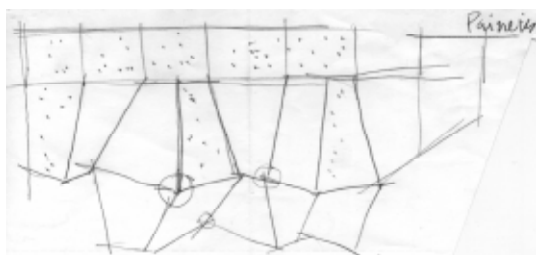
**Carlos Eduardo Dias Comas**  
Arquiteto, Prof. Titular UFRGS



# um Claudio Araujo depoimento

# antecedentes

“Morei em Pelotas até vir para Porto Alegre fazer vestibular em 1950. Na minha juventude, meu pai tinha muitas atividades. Passou por fases ruins e boas. Numa dessas foi empreiteiro de obras, pequenas obras ligadas à rede ferroviária. Eu ia ingressar no ginásio, mas ainda não tinha a idade mínima exigida; então fiquei um ano meio vago. Nesta época, meu pai estava trabalhando num ramal ferroviário entre Dom Pedrito e Santana do Livramento. Fui com ele. Estudava para a prova de admissão com minha mãe e auxiliava nas obras: ajudava a marcar, colocar pedras de alicerce, medir, comparar plantas; levantava paredes de alvenaria, rebocava, pintava, fazia de tudo um pouco. Na verdade, aprendi a construir antes de saber desenhar. Fiquei um ano estagiando nas obras de Dom Pedrito. Quando voltamos, meu pai continuou nesta atividade. Então, nas minhas férias, ia com ele para as obras, olhar e trabalhar. Assim comecei a me interessar. Além disso, em Pelotas havia um sujeito, o Neves, que era assistente de uma disciplina de desenho no curso de Agronomia. Era projetista e fazia alguns trabalhos para meu pai. Então começou a me ensinar a desenhar. Quando tive de optar por um curso, mais tarde, escolhi arquitetura, porque era o que gostava de fazer.”



“Eu já identificava que a engenharia, estradas, pontes, cálculo, não era o que eu queria. Me seduzia construir, fazer edifícios. Lembro que, certa vez, um pouco antes de fazer vestibular, viajei à Rio Grande, com um engenheiro militar do batalhão ferroviário. O major Mostardeiro me falou sobre arquitetura naquela viagem. Perguntei sobre as diferenças entre engenharia e arquitetura. Ele disse que a arquitetura tratava mais dos aspectos da construção de prédios, organização dos espaços, das questões de iluminação, ventilação, tamanho de aberturas... Me passou uma idéia muito simples, mas suficiente para que pudesse distinguir entre os dois cursos. Já no colégio, gostava de desenhar, ficar inventando coisas com compasso e esquadro. Pensei: acho que é isso o que quero. E vim a Porto Alegre prestar vestibular para o curso de arquitetura.”

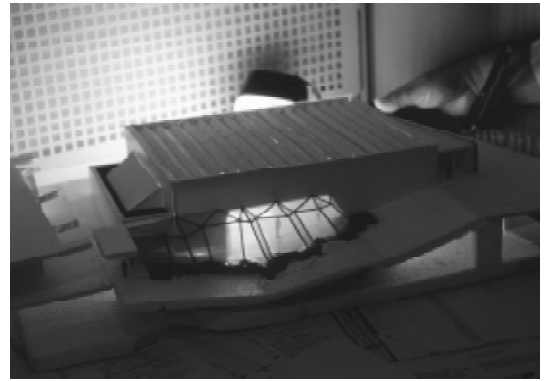
“Meu primeiro escritório foi com o Carlos Antônio Mancuso, em 1954. Fomos colegas de turma. Alugamos uma sala pequena, e nos divertíamos com alguns “trabalhinhos”. Fazíamos perspectivas. Aprendi muito com o Mancuso sobre a técnica da têmpera e aquarela. Fazíamos também arquitetura de interiores, lojas, apartamentos, e, nessa ocasião, conhecemos muita gente do ramo imobiliário. Muitas vezes nos indicavam, não para fazer o projeto, mas para dar uma “ajeitada”. Estudávamos cores de fachadas, desenho de janelas, peitoris, enfim, dávamos uma “maquiagem” no prédio, fazíamos sugestões. Gostavam e, só aí, pediam projetos e nos indicavam para amigos do ramo. Esse foi o caminho.”

# formação

“Comecei no Curso de Arquitetura que havia na Escola de Engenharia. Existia também o da Escola de Belas Artes. No ano em que entrei, em 1950, houve a fusão dos dois cursos e teve início a Faculdade de Arquitetura. Somente no ano seguinte, em 1951, é que as turmas se agruparam, naquele prédio ao lado do antigo observatório da Engenharia. Foi um início muito tumultuado, porque politicamente havia duas correntes opostas: a da Escola de Belas Artes tinha a orientação, entre outros, do Demétrio Ribeiro formado em Montevidéu, e que sempre foi um homem de esquerda. Esquerda, naquela época, era uma coisa muito comprometedora. Lecionavam também o Edgar Graeff, formado no Rio de Janeiro, e o Edvaldo Paiva, engenheiro com formação de urbanista

no Uruguai. O Demétrio lecionava Projeto; Teoria da Arquitetura, era ministrada pelo Graeff, que mais tarde teve como assistente o Nelson Souza; o Paiva ensinava Urbanismo, que era uma disciplina com duração de um ano. Havia ainda outros professores, alguns muito fracos do ponto de vista de uma cultura arquitetônica. Lembro que a disciplina de História da Arquitetura era muito ruim: bibliografia resumia-se a dois ou três livros”.

“Na minha turma, da Escola de Engenharia, devia haver uns trinta alunos. Somando com o grupo do Belas Artes, éramos uns cinqüenta. O Belas Artes já havia formado umas três ou quatro turmas, nas quais estavam o Roberto Veronese e o Emil Bered. O Plínio Almeida, o Luiz Frederico Mentz e o Edirceu Fontoura formaram-se na Engenharia. Lembro que, num primeiro momento, houve uma questão de orientação. O Demétrio, o Graeff e o Paiva, tinham seus conceitos sobre o ensino de Arquitetura. Na Engenharia, o ensino era orientado pelo Eugenio Steinhof, um austríaco radicado nos EUA, que vinha em determinados períodos para coordenar o curso. Os professores da Engenharia estavam mais ligados às questões tecnológicas, uma idéia de Escola Politécnica, com o “toque de arquitetura” conferido pelo Steinhof. Os exercícios que ele propunha tinham muito a ver com a Bauhaus. Era curioso o fato dos estudantes mais adiantados fazerem os projetos e haver uma pessoa, a Dona Iraci, encarregada de passar a limpo em papel vegetal e nanquim. Ela ficava o ano inteiro desenhando. Não era muita coisa: plantas, cortes e elevações, sem muito compromisso com o detalhamento. As discussões giravam em torno dos conceitos que deveriam nortear a Arquitetura, as raízes culturais ou a tecnologia dos países desenvolvidos. O grupo do Belas Artes achava que a “arquitetura internacional” viria desfigurar a nossa cultura arquitetônica: Mies Van Der Rohe, Walter Gropius, Richard Neutra e outros que estavam nos EUA, voltados para novas tecnologias como a do aço, ditavam os padrões daquela corrente. Este caminho seria prejudicial a uma arquitetura ligada às nossas raízes. Flutuávamos entre essas duas correntes.”



“Havia, por **problemas de comunicação, um distanciamento grande** com o Rio de Janeiro. Com São Paulo, um pouco menos. E um relacionamento forte com Montevideú, pela proximidade e pelos professores que por lá estudaram. Havia encontros de estudantes daqui com os do Uruguai e até da Argentina; com muitos mantive relações por longo tempo. Alguns tornaram-se professores em Montevideú.”

“Este distanciamento não era ideológico, era mais um problema de comunicação. Era difícil chegar ao Rio: avião era caro, ônibus demorado. São Paulo era mais próximo e sempre houve mais afinidade com o pessoal de lá. Acho que também por uma questão de temperamento...”

“Não era muito fácil ir a Montevideú. Tínhamos de ir por Jaguarão ou Bagé. Pelo Chuí era um sacrifício, a estrada em obras ficava intransitável em dias de chuva. Lembro que, quando pertencia ao IAB, entre 66 e 67, fizemos um encontro no Chuí. Nos reunimos com os uruguaios no Hotel Paradoiro, onde fica o Forte São Miguel, para estabelecer algo relacionado com planejamento de cidades de fronteira. Na ocasião foi elaborado um documento, a Declaração de São Miguel. Nessa época, o Paiva já estava morando em Montevideú e participou com o grupo uruguaio. Ele tinha sido expurgado da faculdade durante

*intercâmbios*

a ditadura militar. Convidado pelo Gomez Gavazzo, foi trabalhar no Instituto de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura. O IAB/RS (referendado pela União Panamericana de Arquitetos) teve como representantes o José Carlos Coutinho, o Newton Obino, o Nico Chaves Barcelos e eu. Viajamos de carro, numa época de chuvas, e a estrada era um horror! Mas o resultado foi muito bom. No hotel não havia ninguém além de nós. Ficamos lá uns três ou quatro dias. O contato com os colegas do Uruguai sempre existiu. Hoje existe um vínculo através da Faculdade de Arquitetura da Ritter dos Reis.”

## docência

“Fui professor da UFRGS de 59 a 68. Entrei convidado para a disciplina de Composição Decorativa, que era ministrada pelo Frederico Müller. Ele tinha vindo da Áustria, fugido do nazismo. Uma pessoa muito metódica. Tinha sido seu aluno e fui convidado por ele. Entrei junto com o Moacyr Moojen Marques, ele para Urbanismo. Apesar de convidados tínhamos que prestar um exame. Sorteávamos um ponto e tínhamos três dias para, dentro de uma sala de aula, desenvolvermos um projeto. Depois defendíamos nossa proposta para uma banca de professores.”

*Quando estudante trabalhei com o Araújo. Acho que, na realidade, ele nunca se afastou do ensino. Apenas começou a ensinar, fora da faculdade, a jovens que hoje são professores e que aprenderam com ele esta parte mais prática do projeto, no próprio escritório. É o caso do Comas, da Cláudia Correa, do Eduardo Galvão.....*

*José Artur D'Aló Frota*

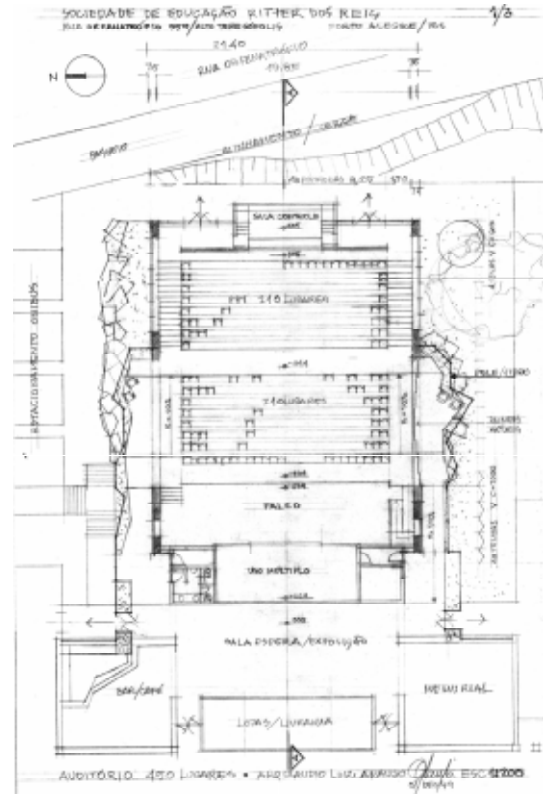
“As avaliações das disciplinas de projetos do curso, naquela época, eram muito diferentes. Fazia-se um exame final. Sorteávamos um tema de projeto, entre cinco. O prazo para o desenvolvimento do trabalho era de aproximadamente quatro dias, mantendo o que era produzido dentro do atelier. Trabalhava-se de manhã, de tarde e de noite, até uma certa hora. No dia seguinte, às oito da manhã, era aberta a sala onde estavam os trabalhos. Durante o desenvolvimento, os professores da comissão julgadora ficavam circulando, comentando, pedindo informações. Finalizado, o projeto era recolhido e ia para julgamento, sem defesa. Essa prática durou muito tempo. Até eu sair de lá era assim.”

“Pedi meu desligamento da UFRGS porque lecionar tornou-se uma coisa problemática durante a ditadura militar. Nós fomos resistindo até onde deu. Eu atuava no IAB, na faculdade e no escritório. O IAB também enfrentou problemas, prenderam alguns colegas sem justificativa. O momento era muito tumultuado. Na época eu chefiava o Departamento de Projetos. O reitor era o Prof. Eduardo Faraco. As ameaças e denúncias eram constantes, não se tinha mais sossego. Havia infiltrados até entre os alunos. Lembro que houve um concurso para provimento de vagas e me avisaram: “Olha, vocês devem tirar da lista de inscritos no concurso, fulano, beltrano.... Esses não podem nem entrar na avaliação”. Então respondi: “O nosso critério é o universitário: nós vamos julgar e depois, se quiserem cortar alguém, é problema de vocês”. Quando a crise serenou, eu já estava cansado. Só não me retirei naquele momento para não parecer que estava com receio de represálias. Aguardei a escolha do novo chefe de departamento. e resolvi, então, abandonar a faculdade e ficar só com o escritório. O Moacyr saiu junto comigo. Minha mulher ficou preocupada com a perda do emprego. Proporcionava uma certa garantia, uma renda razoável para a época. Mas eu queria ir embora. Fui trabalhar com o Obino. Depois surgiu o projeto da Ceasa, e, mais tarde, o Pólo Petroquímico.”

“Em 1990, fui convidado para lecionar na Faculdade de Arquitetura Ritter dos Reis. Sempre gostei de estar no meio dos alunos. Lá me recido com a gurizada. Hoje me dou conta de que já se passaram dez anos...”

# referências

"Estou convencido de que em arquitetura há pouca invenção. Recria-se em função de novas tecnologias, materiais, outros usos e aspectos sociais do momento. São influências que conduzem a reinterpretações. Um arquiteto que muito admirei foi o Neutra. Ele veio a Porto Alegre na época em que eu era professor e fez uma palestra no auditório da Faculdade de Arquitetura. Além dele admiro até hoje Mies Van der Rohe e Le Corbusier. A casa da cascata do Frank Lloyd Wright foi uma obra marcante. O Le Corbusier, é claro, tinha uma relação forte com o Brasil. Havia também os italianos que me impressionavam muito. Lembro do Carlo Scarpa, Gio Ponti e o Marco Zanuso, que era uma mistura de arquiteto e *designer*. Desenhava prédios e cafeteiras. Foi o autor do projeto da fábrica Olivetti de São Paulo, que hoje está sendo reciclada para uso comercial. A Memphis tem um pouco desse projeto, constituído de cúpulas que se repetem com colunas que são também dutos de ventilação independentes para cada módulo. Esta estratégia do elemento que se repete e cria uma padronagem encaixou no nosso projeto, da fábrica com crescimento não previsível: deveria ser possível ter variações de altura em função de equipamentos e permitir um crescimento horizontal. Então foi criado um módulo cuja cobertura é um tronco de pirâmide em cerâmica armada, como se fosse um baldaquino, quatro pilares que variam em altura e em determinados módulos sustentam a cobertura. Elementos de iluminação e ventilação são independentes em cada um. Pouco se inventa, acabamos metabolizando coisas observadas ao longo da vida. O Dieste me ensinou muito. Foi mestre, parceiro e é até hoje amigo".



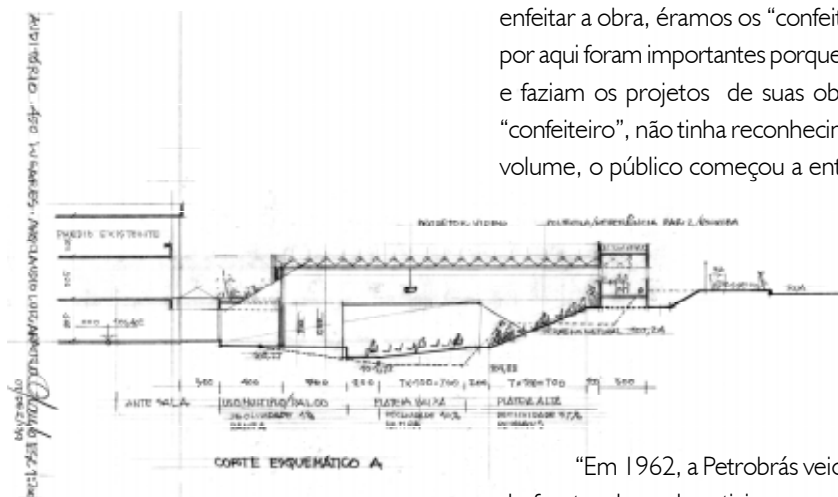
"Minha relação com o Dieste foi ocasional. Na época, um arquiteto formado no Uruguai, o Alfredo Lay, parente do Paulo Lafayette Livonius, veio trabalhar na firma Gus-Livonius. Ele achou que seria interessante trazer alguma coisa diferente para Porto Alegre. Conversou com o Dieste e ficou como seu representante aqui no Brasil. A idéia era trazer a tecnologia da cerâmica armada e aplicá-la em prédios, pavilhões industriais e silos. Então, a Gus-Livonius convidou o Irineu Breitman, o Obino e eu para irmos a Montevideu visitar as obras do escritório Dieste & Montañez. Na época, o Dieste viajava pela Europa e quem nos recebeu foi o Montañez. Ficamos lá uns três ou quatro dias e, quando voltamos, surgiu o projeto da Ceasa. Propus que usássemos as abóbadas autoportantes dos uruguaios, que além dos grandes vãos, propiciariam uma boa condição térmica para os produtos horti-granjeiros e, dada a escala do projeto, seriam viáveis técnica e economicamente. O Fayet e o pessoal envolvido no projeto concordou. Dieste veio, patenteou o sistema e montou uma firma própria aqui no Brasil, na qual o Lay era o responsável. Terminada a Ceasa, fizeram outras obras para a Cobal, que gerenciava o abastecimento de alimentos a nível nacional. Eles viram nas abóbadas uma marca forte, que auxiliava no *marketing* da empresa. Começaram, então, a usar o sistema em vários lugares do país. O Dieste e o Montañez ampliaram o seu leque de projetos e obras. Mas, passado algum tempo, o volume de trabalho reduziu-se, o Lay deixou de representar a empresa e encerraram o escritório no Brasil.."

Ele sempre foi um arquiteto experimental, interessado não apenas em questões formais, mas também nas de renovação técnica. Por exemplo: na CEASA, utilizou uma linguagem do Eládio Dieste, que tinha determinadas soluções-padrão em termos estruturais. E a Memphis foi claramente uma evolução daquele sistema....

José Artur D'Aló Frota

# escritório

“O mercado de trabalho estava muito associado ao reconhecimento da profissão. Havia somente uns 15 ou 20 arquitetos atuantes em Porto Alegre, contra algumas centenas de engenheiros. Não tínhamos expressão como profissionais. Principalmente em Porto Alegre, as pessoas, na maioria, contratavam engenheiros para projetar e construir casas e edifícios, raramente procuravam o arquiteto. Lembravam de nós na hora de dar o “toque artístico”, enfeitar a obra, éramos os “confeiteiros”. Os arquitetos alemães, que estiveram por aqui foram importantes porque, na realidade, tinham empresas de construção e faziam os projetos de suas obras. O sujeito que apenas projetava era um “confeiteiro”, não tinha reconhecimento. Na medida em que a profissão ganhou volume, o público começou a entender a sua importância”.



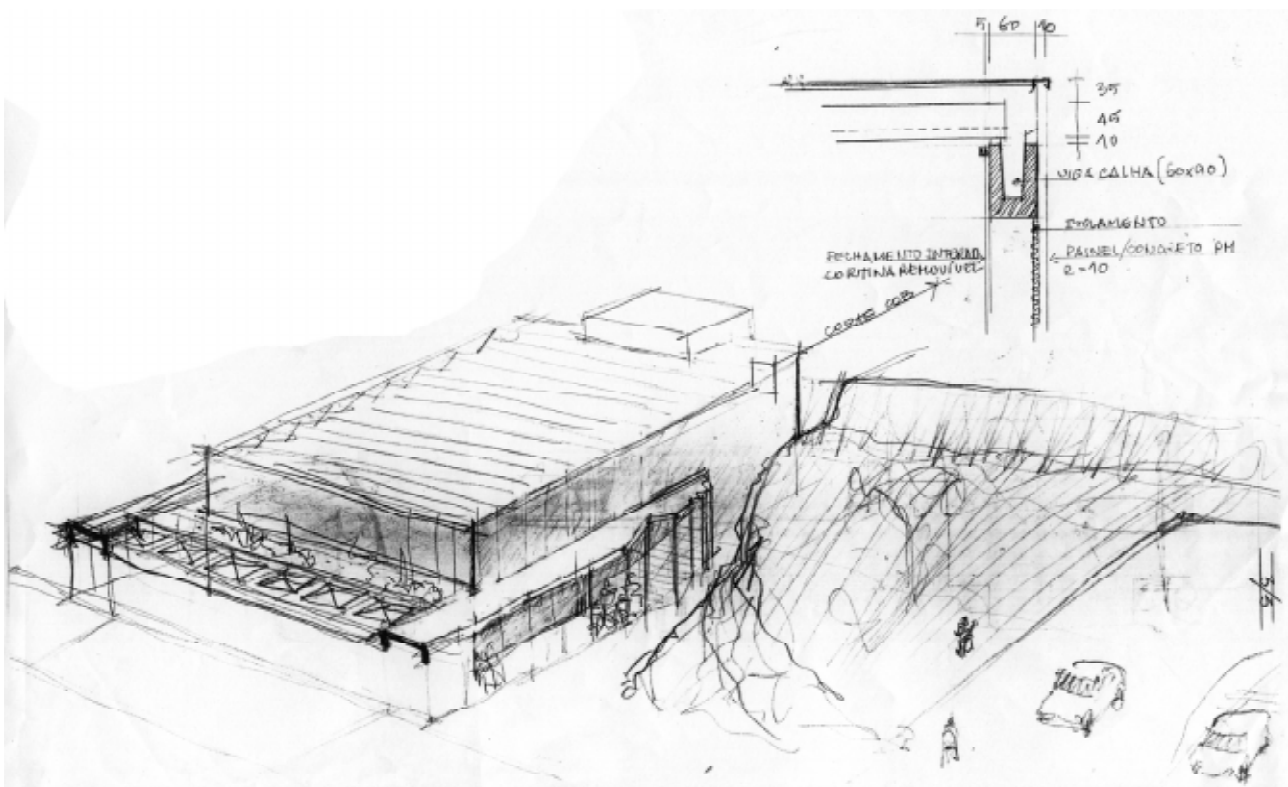
“Em 1962, a Petrobrás veio para o Rio Grande do Sul com uma comissão de frente, da qual participava um engenheiro conhecido nosso, o José Carlos Wellausen, formado em Engenharia na época em que eu era estudante de Arquitetura. Foi, então, encarregado de escolher os arquitetos para fazer o projeto. Convidou quatro escritórios: o do Fayet, o do Moojen, o do Miguel Pereira e o meu. A idéia inicial era dividir os projetos entre os escritórios contratados. Acharmos complicado, pois deveria haver um plano geral de ação e a definição de uma equipe para os projetos complementares, que faziam parte do contrato. Concluímos que melhor seria trabalharmos em conjunto, decidindo quem fazia, quando e como. Não constituímos uma firma, mas trabalhávamos juntos num mesmo escritório. Fizemos o plano diretor e iniciamos os projetos, que foram desenvolvidos de acordo com as prioridades estabelecidas. Discutíamos e acertávamos os projetos em grupo. Depois cada um desenvolvia e gerenciava um projeto ajudado pelos demais. Lembro que o primeiro foi o dos almoxarifados, garagens e oficinas de manutenção da área administrativa. O gerenciamento ficou com o Fayet e comigo. Discutimos e definimos as idéias preliminares, sistema construtivo, materiais, uso de pré-moldados, etc. O seguinte ficou com o Moacyr, depois com o Miguel, e assim por diante. Também éramos responsáveis pela fiscalização das obras projetadas, que foram concluídas em 1967. Havia reuniões semanais com os encarregados do setor de projetos da empresa e os prazos eram curtos. Ficamos conhecidos como “Equipe de Arquitetos”. Quando terminou a Petrobrás, cada um voltou para o seu escritório e continuamos com nossa atividade na faculdade.”

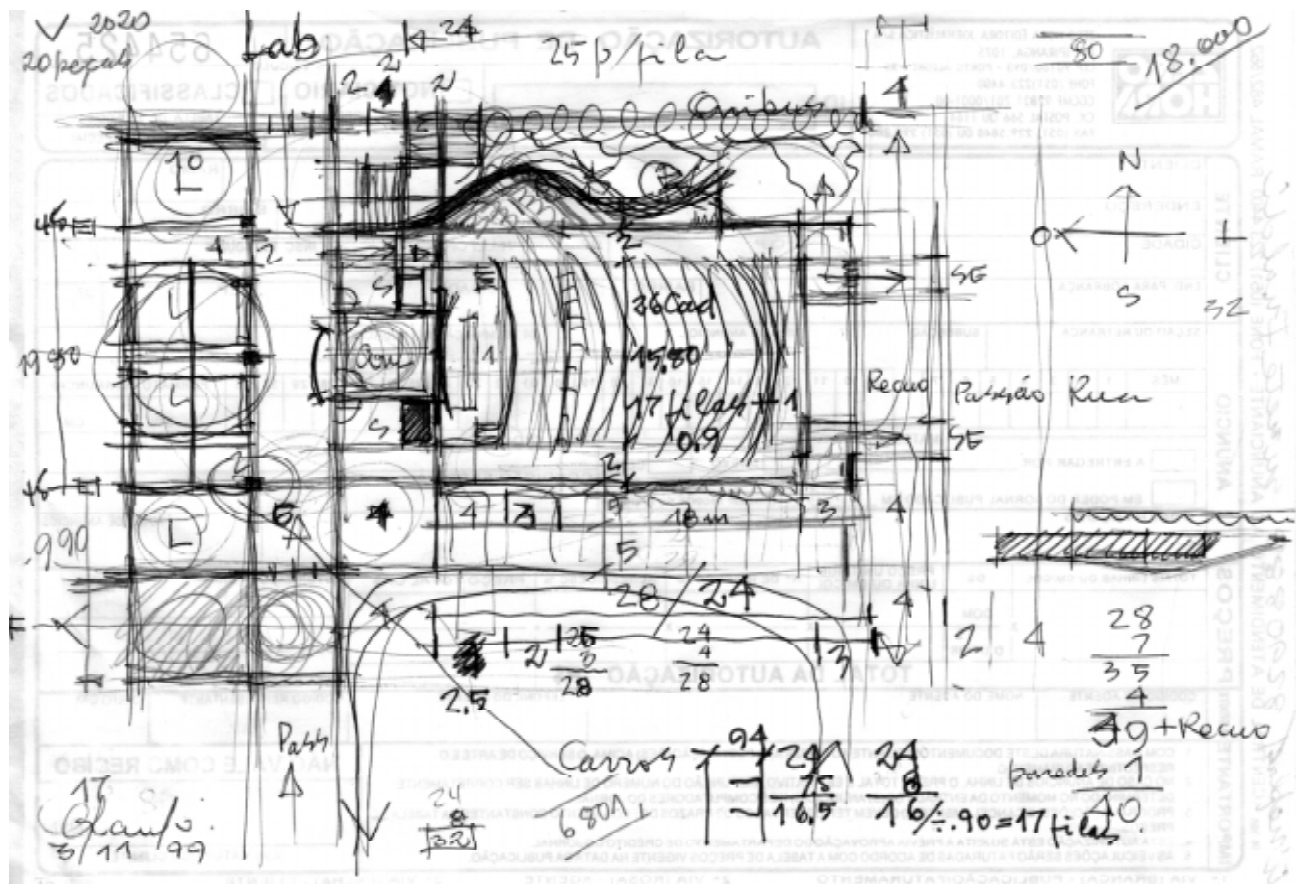
“Anos depois o Fayet e eu fomos convidados a participar de um concurso fechado para o projeto da Central de Matérias Primas do Pólo Petroquímico. A nossa proposta foi a escolhida. Pedimos licença ao Moacyr e ao Miguel para usar o apelido da época da Petrobrás e assim criamos uma firma com o nome de Equipe de Arquitetos que existe até hoje. Como nós já tínhamos cada um a sua firma, ficaram as três convivendo no mesmo local. Dependendo do cliente, uma ou outra assumia o trabalho.”

“Quando vencemos o concurso para o Parque Ecológico de Guarapiranga em São Paulo, estava no fim do governo Quéricia. O seguinte, do Fleury, não se mexeu para contratar o trabalho. Na época estávamos com planos de “enxugar” o escritório e reduzir despesas, já que havia pouco trabalho. Entrou, então, o Mário Covas que, dando seguimento ao projeto Guarapiranga, nos contratou. Assim, nos mantivemos no mesmo local e com a mesma estrutura por mais dois anos. Terminamos Guarapiranga no início de 99 e até o meio do ano concluímos um trabalho para a Tramontina em Farroupilha/RS. Então nos dividimos: o Fayet tinha um espaço amplo em casa e eu tinha esta sala aqui, que estava desocupada. Hoje mantemos a Equipe para atender novos trabalhos em parceria. Na verdade, com o computador e a Internet, não há necessidade de ficarmos no mesmo lugar. No momento, tenho me dedicado mais à Ritter dos Reis. “

## CAD

“Fiz um curso de CAD, mas quando **percebi que era necessário** dominar no mínimo uns 500 comandos, achei que não ia ser possível levar adiante. Realmente cheguei à conclusão de que tinha uma dificuldade para entender o computador. Não se tratava só de saber comandos, mas de um entendimento maior desta nova ferramenta e isto está um pouco distante da minha formação e maneira de pensar. A tela é pequena, tem que a todo momento dar um *zoom* e perde-se a noção do conjunto. É necessário imprimir com frequência para enxergar o todo. Achei melhor continuar a fazer os meus “desenhinhos” com grafite. Mas reconheço que não se pode ficar de fora, que esta é hoje uma tendência inevitável e imprescindível. O que faço é sentar no meio dos estagiários e colegas que dominam a máquina e dar meus palpites: É UMA BELEZA! “





As figuras deste depoimento são croquis realizados por Claudio no desenvolvimento de seu mais recente projeto, um Auditório para as Faculdades Integradas Ritter dos Reis, na rua Orfanotrófio. Ilustram seus primeiros passos na concepção, uma "construção" do todo e das partes, de forma integrada e simultânea.

AUDITÓRIO/FAU Ritter dos Reis 1999/2000

Colaboradores do projeto arquitetônico  
arqs.

Daniel Pitta Fischmann  
Marcel G. Trescastro

acads.

André Nunes  
Rodrigo Conceição



Este depoimento foi dado em dezembro de 1999 aos editores da ARQtexto: José Artur Frota, Fernando Fuão e Sílvia Leão.